

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.



Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

MODAS.

O calor da estação actual, é favoravel á moda, que impõe o uso dos *toilettes* os mais leves, e os mais diaphanos; estão pois em voga os trajes frescos e vaporosos; o capricho e a casquilharia tomão portanto todo o desenvolvimento, e as mulheres poeticamente cercadas de garça, de rendas e de flores, mais se assemelham a graciosas sylphides, do que a simples mortaes.

Os bellos vestidos de estio, são uns em cassas de linho com folhos *bayadere*, outros representam um semeado de pequenas flores despencadas, ou de raminhos; tambem os ha com listras ou quadradinhos; seguem-se depois os bareges de desenhos diversos, as mousselinas de seda, as garças rendadas, escoseszas; as tarlatanias tecidas, as mousselinas estampadas e as cambraihuas.

Como ornato de vestido, os folhos tem uma tão grande acceitação, que podemos, creio, contar com a duração do seu imperio.

Os pequenos manteletes-faixa, ornados de um grande folho de renda, e de pequenos crespos em fita, achão-se em grande estima; esta fórma, é nova e muito elegante.

Depois que a renda torna de novo a representar tão grande papel no *toilette* das damas, usa-se muito das de *Cambray*; porque nem todas

as senhoras podem dar o preço elevado dos objectos de que se compõe o seu vestuario, e querendo contudo seguir a moda, forçosamente hão de escolher o que peze menos no seu *budget* de despeza. As rendas de *Cambray*, como as de *Chantelly*, tem seu incontestavel merecimento; umas não prejudicão as outras; é um genero differente, eis tudo; e facilita a elegancia que se vê algumas vezes obrigada a calcular.

Pelo que respeita a rouparia branca, o luxo vai cada dia em augmento. Fazem-se sempre, elegantes roupões enriquecidos das mais magnificas bordaduras; bem como saias não menos luxuosas, com rato igual. O collarinho dos *fichus* conserva-se sempre alto; quanto ás sub-mangas, são de uma variedade infinita. Os *canezous* nada perdem da sua estima.

Os corpinhos brancos de mangas largas, que se põem sobre vestidos decotados, são mui elegantes: o mesmo se pôde dizer dos corpinhos de filó preto, guarnecidos de *Chantelly* e zebraados de fitas pretas ou de veludos, os quaes são o que mais convém para *toilette* de concerto, jantar, ou theatros.

Breve teremos sem duvida, algumas novidades mais importantes a vos noticiár; — procuraremos no entanto colligil-as.

DESCRIÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUÁRIO DE PASSEIO. — Chapéu em tecido de palha, ornado de suspensorios e lacinhos de fita preta, cruzando uns sobre os outros; a parte interior é de blonde, guarnecida de pequenos cachos de cerejas, ou outras frutinhas.

Vasquinha-bertha de nobreza bordada, ornada de franjalo e renda, afogada, justa na cintura, e encaixando os quadris.

As mangas, são direitas de cima e terminadas por uma guarnição, que parte do sangradouro e fórma folho pagode. A bertha é igual, tanto atrás como adiante, sendo porém fechada na frente por alamares com botões nas extremidades.

Vestido de nobreza; saia de folhos, terminada com bainha larga.

VESTUÁRIO DE JANTAR. — Penteados em cabelo, ornado de rendas pretas, formando uma pequena coifa com pontas cahindo sobre a nuca, nas quaes estão misturados pequenos veludos e vidrilhos.

Vestido de tafetá, ornado de veludos cosidos a chato; corpinho afogado, liso, ornado na

frente de alamares em veludo, tendo na extremidade duas rosetas.

Manga lisa curta, tendo em ar de *jockey*, tres veludos com um pequeno laço no centro, e guarnecida de tres folhos.

A saia lisa, é ampla e faz arrastão, tendo cosida a chato, sobre cada costura dos sete paunos, um veludo preto largo.

Sub-mangas compostas de tres balões em fôfos de filô, retidos em argolas de veludo preto, e terminando no punho com uma rendinha estreita.

VESTUÁRIO DE MENINA DE 7 ANOS. — Chapéu de abas largas atado ao lado.

Vestido de mousseline com folhos recortados. Suspensorios em fita larga; corpinho decotado, quadrado; mangas curtas de dous entufados, com um folho.

Saia coberta de folhos; camisetta suissa, afogada.

Duas largas fitas sobre as espaldas, e presas á cintura, fórma suspensorio, e tem um laço em cada lado da cintura, cahindo fluctuando tanto atrás como adiante.

CHRONICA DOS SALÕES.

Quereis fruir um momento delicioso que passa ligeiro qual a gazella que esvoaça na immensidão do espaço? Vinde commigo; embarquemos em um escalér no cás do Pharoix, e atravessemos a magestosa bahia de Nictberoy, adormecida com o compassado bater dos remos nas limpidas aguas aonde brilha o argentino reflexo do planeta da sandade; e fugindo ao convulso ruído das distrações triviães, ao apathico silencio dos nossos salões, ás intrigas e manejos do palco, ás discussões insulas entre os partidos turco-russos de uma parte e ao pranto e á dôr da outra, e vamos aprender a viver, apascentar a alma em suave e celestial melodia, entrar enfim no dominio de uma existencia toda nova.

Olhai em torno de vós.... Que painel grandioso se desenha ás nossas vistas!

Em cima de nossas cabeças é o firmamento de setim azul marchetado de prateadas estrellas que circundão o astro da poesia; aqui é o ruído longuiquo e apagado das ondas que despindo cautelosas o estroindoso do seu impeto, vem morrer em alvaceito lençol de arêa, timidas de acordar a natureza que causada adormece em seu remauro; além são luzes destacadas que apparecem semi-ocultas por entre a folhagem do arvoredo

que nos prenuncia a hospitaleira praia de S. Domingos..... Eis-nos chegadas; saltemos e vamos passeiar nesse pittoresco arrebalde. Vêdes aquella casinha terrea de modesta apparencia pintada de branco, e com persianas verdes? Ali mora o genio do sentimentalismo que resentido das ingratiões humanas procura a solidão para viver com ella — tange a sua lyra para esquecer um amor mal compensado..... escutai.... E' a ingenuidade e eloquencia da musica patria traduzindo o pensamento contristado de uma amante abandonada, são queixumes do coração que levados nas brandas azas de ameno zephyro fazem um eco grato ao sentimento real da poetisa da America do Meio-Dia. Approximemos-nos; vejamos quem tropeja harmoniosas estrophes no abandono da solidão, fixemos o nosso olhar nesse vulto poetico que nos impressiona — olhai; é uma estatua bella como uma concepção de aujo, uma mulher nascida para ser a heroína de um romance original, digna de figurar nos sonhos amenos e apaixonados de um Gonzaga que ora surgisse como por encanto para desenhâr em calligraphos caracteres a desventura de sua Marília; espieemos por entre as gelosias, devassemos o recinto de onde se desprendem modulações



LE MONITEUR DE LA MODE

Paris, Rue Richelieu, 92.



*Directeurs de la M^{me} V^{ve} Morain Brevetés S^{ms} D^{ms} et de R. Chapiteau
 An^{rs} M^{rs} Popelin Ducarre Directeurs de G. Viénot, Couverts sans goussets de la M^{me} Sophie
 Damaulain - Directeur de Chapron Couverts Gants et - sucrans de Baynet Saboullée*

LONDON at the Mechanics Office 45 Great Court Yard NEW YORK F.R. Strange 37

MADRID P. de la Cruz

Mit Vertheilung gegen Fälschung

tão gratas. — Oh! minhas amigas, o palpito de meu coração era fiel quando me guiou a espri-
tar o modesto rouxinol dos meus sonhos — uma
joven formosa como a aurora de um bello dia,
candida como a esperança de uma virgem, tra-
jando amplo roupão branco, com os aveludados
cabellos como que soltos por sobre os elurneos
hombros, e recostada em uma cadeira de braços
percorria com os paspeados dedos as cordas de
uma harpa que gostosas gemias acompanhando
as doces expressões da conhecida modinha de sua
composição,

*Suspira coração triste,
Consola-te em suspirar.*

que os seus labios quasi a descuido articulavão.
Sepultadas em inebriante delirio, ouvimos ainda
por largo tempo as maviosas canções daquelle
aajo; tive vontade de amar como louca, trans-
portada de prazer quiz endoosar aquella mulher,
erguer-lhe um solio, offerter-lhe uma corôa, ro-
jar a seus pés.....

Sêde indulgentes, leitoras: não vos posso
contar o que senti, os vocabulos me faltão, as
expressões são exiguas; tomai o meu silencio
por uma eloquencia ardente e arrebatadora, ja
que a grandeza de factos tão transcendentis não
pôde ser expressada. E depois? — depois vie-
mos para a cidade, e apartamo-nos cheias de im-
pressões grandiosas e desconhecidas. No outro
dia fui ao theatro assistir á representação da
opera *Nabucodonosor*, em que estreava o novo
barytono, o Sr. Walter: gostei muito de o
ouvir, e a maior parte dos dilettanti parece que
concordarão commigo, porque elle obteve não
pequenos triumphos. Diz-se geralmente que foi
uma boa aquisição para o theatro lyrico, e eu
tambem concordo, porém receio que não o pos-
samos apreciar por muito tempo, porque a sua
voz me pareceu um tanto cansada, talvez fosse
illusão de acustica; e pois não insisto. O que
vos asseguro é que me causou uma impressão

agradavel: é familiar com a scena, tem optima
figura, voz afinada e mostrou-se bem compen-
trado da parte dramatica. Quanto a M.elle La
Grua, desempenhou perfeitamente o seu papel;
cada vez estou mais captiva daquelle excellencia
artística.

Já que dos salões somos remetidas para os
bastidores do theatro, mettamos a mão na com-
buca e perguntemos á direcção do theatro de
S. Pedro, qual a razão em que se fuzda para
não dar mais spectaculo em dias de grande
gala? — se não ha motivos justos que abonem
aquelle procedimento, julgo-me autorisada para
qualificar de ingrato e falto de reconhecimento
para com as Pessoas da Familia Imperial e para
com a Nação, porque o nosso thesouro dá men-
sualmente á aquelle directoria o não pequeno
auxilio de tres contos de réis; pois ao menos
ainda que fosse para guardar as apparencias,
não deveria haver spectaculos em certos dias
de festa nacional? Cremos ter toda a razão;
briguemos com elle enquanto estiver resolvido
a assim pensar, e vamos ao theatro do Gymnasio
assistir á representação do drama que tem sido
tão bem accellto — *As Mulheres de Marmore* —
é na realidade uma bella composição, e tem sido
muito bem comprehendida e executada. — Mil
parabens áquella instituição que tanto se es-
mera por não deixar morrer entre nós a arte
dramatica, que estava ameaçada de emminente
ruína.

Quereis saber uma novidade? Temós esta
tarde a tal assenção aerostatica. Aguardo-me
para ella, e então vos direi o que observar. Al-
guem já andou intempestivamente disputando a
hora em que devia ter logar a subida ao ar;
mas eu creio que á tarde é a melhor hora
possivel.

E pois até domingo.

Alina.

POESIA.

A' EXMA. SRA. VISCONDESSA DA ESTRELLA, NO DIA 31 DE OUTUBRO.

Uma Estrella é que annuncia
A luz que a terra aviventa:
Uma Estrella é que alumia
Fins de medonha tormenta.

Uma Estrella, ao nauta incerto
Guia, perdido nos mares,
E em porto tranquillo e certo
Faz repousar seus pezares.

Uma Estrella, na floresta,
E' pharol de salvação;

Com ella se manifesta
Da Providencia o condão.

Tu és na terra essa Estrella,
Que annuncia ao pobre a vida:
Soccorres serena e bella
A' indigencia desprovida.

E's a Estrella da esperança
Na triste, enferma manção!
Pois de mim tambem alcança
Um voto do coração.

O POBRE MATHEUS.

(Continuado do n. 44.)

V.

Ainda não se tinham passado os cinco minutos, e já os dous homens entravão no salão, onde os aguardava um curioso espectáculo: Matheus estava assentado junto a Marie, e parecia fallar-lhe em voz baixa, ao passo que a dona da casa acabava de arranjar sobre uma mesa o retrato de sua filha, pintado pelo seu favorito, e de o collocar entre vasos com flores.

O Sr. Villeneuve não pdeou entrar, reprimir uma exclamação; Valdroche cuja vaidade estava sempre á lerta, julgou que o querião chacotear, enquanto que as outras tres personagens com o olhar cravado no grupo dos dous recém-chegados, parecião esperar a explicação de uma cousa que elles não comprehendião. Este silencio era doloroso para todos; porém a mãe de Marie não era mulher que o deixasse durar por muito tempo.

— Oh! lá! exclamou um tanto zangada e ao mesmo tempo zombando, trazei-nos, pois, o Sr. Valdroche?

— Pois não me haviéis dito, minha chara amiga, que o convidasse para nos fazer companhia ao jantar?

— Eu! não vos disse tal cousa: mas já que o trouxestes, vá feito: restame pedir ao Sr. Valdroche queira relevar a sem cerimonia com que o recebemos. Deviamos jantar familiarmente e não esperavamos a honra de o termos á nossa meza.

O Sr. Villeneuve deu-se por feliz com a quasi nenhuma algazarra; quanto á Valdroche sentiu o epigramma e inclinou-se: porém immediatamente levantou á vista de todos o retrato que tinha nas mãos, e pronunciou com voz lugubre que faria ciúme a qualquer actor de melodrama estas palavras sacramentaes:

— E' hoje o dia do julgamento.

E sem acrescentar uma palavra foi direito á meza em que estava a pintura de Matheus, fez um logar no meio das flores para pôr o seu quadro e veiu sentar-se como um phantasma defronte da rapariga.

— Mademoiselle, disse elle com o mesmo tom lugubre, attentai para a sentença que ides pronunciar.

Como elle tinha outra vez entrada na casa, não temia ser mal succedido apezar da presença de Matheus.

As caretas da mãe não o amedrontavão, e contanto que elle pedesse insinuar ao ouvido de Marie algumas palavras, o resto iria ás mil maravilhas.

Espirito tímido e concentrado, Matheus desde que Valdroche entrou cahiu em um verdadeiro abatimento e silencioso retirou-se a um canto da sala. Todos os seus sonhos por um instante despertados desvanecião-se de novo, e vendo a rapariga preocupada e distraída, da creditava que

toda a esperança devia ser banida de seu coração. A melancolia natural de seu caracter reaparecia, e se não temesse commetter uma indiscreção teria fugido daquelle logar em que a felicidade só tinha apparecido a seus olhos para o fazer soffrir mais ainda.

Se tivesse comprehendido os soffrimentos deste coração tão facilmente magoado, teria a moça compaixão delle? Podia comprehender aquellas angustias, ou adivinhal-as? Para o pobre Matheus, era Marie um anjo — mas os anjos podem partilhar os pequenos infortunios do peito humano?

Forão para a meza e apezar da antipathia que testemunhava a Valdroche, a Sra. de Villeneuve fez sentar sua filha entre os dous rivaes.

A conversação a principio não foi animada e menos divertida; Valdroche e o Sr. Villeneuve conversarão longo tempo sós. A Sra. Villeneuve estava amuada, Matheus ficava mudo e triste, a moça mostrava-se incommodada no seu logar.

Constrangida por um duplo dever a cumprir respondia com indifferença ás finezas de um, e esmerava-se de balde em doces prevenções defronte do outro. Desta sorte o jantar que devia ser qual o de uns esposaes no qual a alegria e a esperança da felicidade futura devião reflectir-se em todas as frontes, tornou-se pela adjução de um conviva jovial, o mais triste e morno dos banquetes. E' verdade que o conviva nesse dia estava com uma cara de quem ia a algum enterro.

— Dir-se-ia que estamos assistindo á um funeral, exclamou o Sr. Villeneuve rompendo o silencio. Que tristeza! Eia, Sr. Matheus, a vossa visinha é-vos tão incommoda que vos obrigue a estar tão triste? não acha ella duas palavras para retribuir as vossas finezas? E vós, meu taciturno, desconheço-vos; estais com voz cavernosa como um actor tragico e pronuncias sentenças só dignas do outro mundo. Onde está a vossa alegria: em que pensais?

— Os momentos de prazer não são aquelles em que os destinos se decidem, respondeu sentenciosamente Valdroche.

— De que destinos fallais? Pois já não sabeis os vossos? Sois colorista e haveis de ser um grande, meu rapagão, sou eu quem vol-o digo.

— Não passarei da humilde situação em que me acho por que estou certo que a felicidade não se fez para mim.

— Que idéa! Nascestes para fruirdes todas as aventuras imaginaveis.

— Acreditei nisso um momento, quando era louco, descuidado e quando o prazer me entrava pela porta e pelas janellas: mas hoje tudo mudou.

— Bem; as cousas tomarão uma face lisongeira, eu vos asseguro conheço essas torturas, meu amiguinho e remedial-as-hei em breve se me quizerdes ouvir. E vós, Sr. Matheus, trabalhai

com ardor, a applicação nunca deixa de ser recompensada.

A Sra. Villeneuve durante este dialogo testemunhava no gesto e no olhar uma viva contradicção; mas não podendo mais conter a sua impaciencia rompeu nestes termos:

— Porque fallais assim em ar de mysterio? o que querem dizer essas palavras obscuras? Se tendes de só fallar em cousas que nós não comprehendemos, é melhor que vos calleis.

A esta advertencia o velho empregado levantou os olhos embaçados para a sua chara metade.

— Minha amiga, o que eu digo está ao alcance de todos; e neste ponto não faço mais do que me constituir vosso inhabil interprete; traduzo em linguagem vulgar bem que algum tanto mysteriosa, aquillo mesmo que tivestes a bondade de me explicar esta manhã. O mysterio não sempre desagradaivel aos corações delicados, elle tem encantos incomparaveis para os espiritos distinctos.

— Neste caso não vejo razão para que estejais ahí a dirigir tão bellos discursos ao Sr. Valdroche.

— Porque o acho digno de os comprehender e apreciar; porque sondei a sua alma e melhor do que vós, sei o que ahí se passa.

— Que me importa o que lá se passa? Meu amigo estais a fallar á toa, não mudareis as minhas resoluções.

— Estamos de accordo; não ha precisão de as modificar.

— Não sei onde estais hoje com a cabeça, eu não vos entendo. Vós convidastes o Sr. Valdroche, eu convidei o Sr. Matheus; obedecemos simplesmente ás nossas sympathias, e não devemos estar agora aborrecendo estes senhores com as nossas discussões. Guardemos as nossas explicações para depois, temos muito tempo.

— Isso não obsta, disse Valdroche esforçando-se por se tornar calmo; já que eu e Matheus somos a causa do desacordo entre vós, vamos retirarmo-nos e deixar-vos todo o repouso para vos entenderdes. Vindes, Matheus?

Este levantou-se com o seu camarada e estava disposto a acompanhal-o.

A scuhora pôz com pressa a sua mão no hombro de Matheus, obrigando-o a se conservar sentado onde estava.

— Não sabereis, senhor, disse-lhe. O marido representava o mesmo jogo de scena com Valdroche.

— Ficai, meu amigo, minha mulher soffre da memoria; esqueceu-se agora o que me disse pela manhã.

Paciencia; não sejais tão cavaquista, a memoria ha de lhe voltar.

— E á vós o bom senso, disse a mulher que tinha ouvido as ultimas palavras.

Valdroche nunca teve tenção de abandonar a meza; quiz tentar o que no theatro se chama uma falsa sortida: a lembrança foi feliz.

Durante o debate a attitude de Marie tornára-se mais difficil que nunca. Embora a moça fosse ainda assaz innocente para não perceber completamente o sentido das palavras que ouvia,

comprehendeu não obstante que se fallava a seu respeito e que naquelle momento o seu futuro e a sua felicidade erão o objecto da discussão. Como rapariga discreta conservava os olhos baixos e esperava em silencio o fim de tão enfadonho episodio.

Felizmente o Sr. Villeneuve acabava de abrir uma garrafa de vinho velho de Volnay, seu vinho favorito, e occupava-se em o fazer provar aos seus convivas, o que o impediu de responder ao ultimo ataque que lhe dirigiu a mulher. Porém M^{me}. Villeneuve tinha o humor mais barulhento que seu marido, e como estava em uma questão calorosa não a queria largar dando-se por vencida.

Conscia de conhecer a fundo o coração da filha e de que podia dispôr dos seus sentimentos como lhe approvresse em favor de Matheus, encetou outra vez a conversação sobre negocio dos retratos.

— Parece, disse ella, que retocastes o retrato de Marie, Sr. Valdroche.

— Bizei antes que o fez de novo, observou o velho empregado. Não vèdes como está agora tão parecido? Que expressão de physionomia! Que encantadora attitude!

A Sra. Villeneuve não podia negar estas qualidades. Contentou-se em dizer.

— Em, um — Daqui a pouco veremos qual será o preferido.

— Estes dous retratos forão concebidos em maneiras differentes, continuou o empregado, desejo de restabelecer a paz e de preparar o terreno para tornar menos sensivel a queda imminente de um dos dous antagonistas. Ambos tem seu merecimento; preferindo um não quer dizer que o outro tenha menos valor aos nossos olhos.

— O que é certo, disse Valdroche, é que eu tenho visto poucos retratos melhores que o do meu amigo Matheus. E' tão perfeito que faz desanimar o pincel mais delicado. Talvez não se dê apreço ao estylo, mas é impossivel negar-lhe merecimento.

Valdroche esperava da parte de Matheus um elogio á sua obra e contava renovar assim em seu proveito a primeira parte da famosa scena de Trissotin e Vadins, guardando para mais tarde o cumprimento da parodia. Porém Matheus absorto em profunda melancolia não abriu a boca, pareceu mesmo não ter ouvido as palavras do seu companheiro; o que vendo Valdroche, para não perder todo o fructo do elogio que acabava de fazer acerescentou:

— Talvez não tenha razão em gabar tanto as obras do meu amigo: mas que quereis? eu sou assim, os meus sentimentos se manifestão mesmo a despeito de minha ambição. Meu coração sempre compromette os interesses.

E vós, Matheus, tambem tendes este defeito? Interpellado nominativamente, Matheus levantou a cabeça e lançou para Valdroche um olhar incerto.

— Eu, respondeu, digo sempre o que penso e o que julgo ser verdade.

— Então, como achais o retrato de M^{me}.

Marie, perguntou Valdroche com voz branda para não parecer a de um homem offendido.

— *Ainda não o examinei bem; e assim á claridade.....*

— *Temeis que elle desmereça?*

— *Receio pelo contrario que me leve á alguma illusão, e venha a minha opinião a parecer-vos exaggerada.*

Estas palavras affaveis por um momento, desconcertarão a Valdroche, e conquistarão a Mathews um olhar de gratidão da moça. Vendo que ia bem, levantou-se para examinar o quadro de mais perto, e continuou:

— *Vosso retrato, Valdroche, e nós nos entenderemos perfeitamente sobre elle, não reproduz nem o encauto indefinível do original, nem a pureza rara de smas feições, nem a sublime expressão dos seus olhos azues.*

— *Vamos; murmurou Valdroche, que achava o debute menos lisongeiro do que elle esperava.*

— *Em segundo logar não vos podeis negar a admittir commigo que á esta frente de scuta, aonde só falta uma aureola, destes um ar apaixonado que só convém á mais linda das filhas da terra, e nunca ás filhas do céu.*

— *Seja, disse o artista torcendo o bigode como um homem que se impacienta.*

— *Enfim, não é possível ao pintor, mesmo approximadamente reproduzir a transparencia da carnção, a harmonia delicada e suave em que a côr das veias se confunde com a tez rosada da pelle, em que o azul se mistura com o carmim. Porém, por mais impotente que seja a nossa arte, pôde exprimir senão todas essas subtilidades, ao menos os arredondados do rosto, os reflexos luminosos nos sombreados, que nós chamamos o claro-escuro, pôde imitar a attitude dos musculos que constitue a physionomia, os traços que dão o character, o ar ora jovial ora melancolico da boca, que é o interprete mais subtil e certo dos movimentos do coração; pôde enfim até certo ponto reproduzir a limpidez brilhante do olhar e o euducto que banha o globo ocular, qual véo diaphano para melhor fazer adivinhar o que elle occulta.*

— *E pensais que todas essas difficuldades quasi inimitaveis não as pude vencer? interrompen Valdroche com impeto.*

— *Não, continuou Mathews no mesmo tom calmo e firme com que tinha principiado o seu discurso. Pelo contrario acreditio que se um de nós apanhou alguns desses ares delicados da face que fazem a desesperança dos maiores pintores, sois vós, men caro Valdroche.*

— *E' bondade vossa, disse este como a descuido; eu pude em uma parte ou em outra honrar a minha palheta, porém no desenho devo vos ceder a palma.*

— *Vosso desenho não é máu, proseguiu Mathews sem se perturbar, não que eu desculpe o defeito do parallelismo entre o eixo dos olhos e o da boca, não que não tenha reparado na falta de simetria que ha nas azas do nariz, e que não deixe de achar o queixo muito unido á face. Talvez mesmo que devesse haver mais segurança no pescoço; a cabeça não está bem perpendicular sobre os hombros, enfim esta mão*

não está bem acabada, sem duvida porque faltou-vos o tempo.

Valdroche mordia os labios porque elle sentia bem que as criticas que acabava de ouvir erão exactas.

— *E a côr? perguntou.*

— *Farei tambem uma observação. Não seria melhor desmanchar o carmim na mistura, do que pô-lo assim em pastas na face?*

— *Isso é para um pincel firme e experimentado.*

— *Que processos! Onde encontrais na natureza camadas assim juxta-postas? Vós carregais no delineamento, porque na natureza a linha clara e precisa não existe; existiria por ventura entre as diversas madaças de côres de uma superficie? E estas transparencias tão exaggeradas nos hombros!*

Sei que Rubens, nosso mestre, gostava dellas, mas devemos unicamente acompanhá-lo nisso quando não temos as outras duas qualidades a imitar? Não devem ser empregadas senão por excepção nos sombreados ou nas côres carregadas que pedem grande transparencia: no mais pinta-se em cheio.

Se tivésseis assim disposto o contorno do vosso rosto, elle teria muito mais valor. Assim como estão, as sombras do mento e do ouvido parecem que representão um vazio. Acreditaime, estas subtilidades de pincel tão usadas hoje, só dão resultados pobres e não compensão o tempo que com ellas se gasta.

Valdroche remechia-se ora sobre um pé, ora sobre outro: estava sobre espinhos. Mathews proseguiu sem se desconcertar.

— *Merecem ainda censura a espessura desses empastes. Para que fazer saliencias sobre a tela e quasi substituir a pintura por um baixo-relevo? Com o pretexto de que Rembrandt algumas vezes amontoava côres, e alcançou por esses empastes effeitos prodigiosos, todos aquelles que tem a pretensão de seguirem a sua escola, pensão que as suas bellezas consistem nessas montanhas de côres, e imitão assim os defeitos julgando que imitão o bello. Vós sois desse numero, Valdroche. As rugasidades que noto nesta face, a espessura sombria que existe no meio da testa não a afformoseão, são até inuteis. Se observardes bem, vereis que se desprendem da teia e que formão sulcas que facilmente podem ser tomados por rugas. Estou certo que não foi essa a vossa intenção.*

— *Mas a pintura é feita para ser vista á distancia, observem Valdroche.*

— *A' distancia e de perto. E' preciso que de longe o effeito seja real, que tenha ou conserve o seu valor, e que não o perca quando a vista delle se aproxima; é necessario que conserve a sua clareza, sua precisão, aliás vós não quereis fazer mais do que uma illusão de optica.*

— *E julgais que esse duplo resultado seja possível?*

— *E' difficil, mas não impossivel; a prova temol-a nos grandes pintores.*

— *Ah! ah! disse a Sra. Villeneuve com ar triumphante, aqui está o que se chama racio-*

cinar sobre as artes. Então, Sr. Valdroche, que dizeis ?

— Ora ! digo que ha grande differença da theoria á pratica ; vemos muitas vezes homens que discorrem muito bem, mas que com o pincel na mão não são capazes de fazer cousa alguma.

— Não vos referis á Matheus, respondeu a mãe de Marie, porque ainda ha pouco acabastes de fazer o elogio do seu retrato.

— Oh ! certamente, esta pintura tem muitas qualidades para aquelles que lhe dão apreço. Está bem arranjada, bem disposta, honesta e incapaz de causar tristeza a alguém. Representa uma moça modesta que traz o seu lenço de pescoco alto, e dissimula sob uma touca de cassa o brilho de seus cabellos ; vive isolada, desconhecida, sem excitar as paixões, sem atormentar as almas. Em breve receberia o premio Monthyon se elle fosse dado á pintura. Para mim esses dotes frios que vão com facilidade por caminhos marcados a cordel, me inspirão pouca sympathia ; vejo-os sem emoção e não me animo a acompanhá-los. Eu gosto da natureza com os seus defeitos, com isto que os criticos chamão difformidades, como se na natureza alguma cousa houvesse de feio ! Eu quero o homem bem delineado porque de ordinario elle é mal feito ; gosto que a mulher tenha os joelhos para dentro, porque ella ordinariamente é assim, e porque a natureza não nos depara com typo perfeitamente bello ; não quero que se lhe dê uma perfeição convencional que nunca foi observada : quero que seja copiada fielmente, e que não se ande imaginando ideaes que não existem, e crear figuras sem vigor que não podem resistir á um ligeiro sopro. Um verdadeiro pintor toma a natureza unicamente por guia, e não se recréa para agradar aos mestres e escravisar-se á regra, em despojal-a de tudo o que lhe dá o distinctivo da verdade e da energia. Quando tomo um modelo, pinto-o tal qual elle é, e não em corrigir os seus pretendidos defeitos, prohibo que se lhe faça alterações ; a desordem tambem existe na natureza : deve ser reproduzida.

— Como é tudo isto verdadeiro ! exclamou o Sr. Villeneuve com o accento de um homem convencido.

Certamente não podeis negar, Sr. Matheus, que Valdroche tem toda a razão.

— E' bem improprio tudo isso, observou a mulher com mau humor, e não invejo a proposição do Sr. Valdroche.

— Que quereis ? disse Mathens, respondendo á observação do Sr. Villeneuve, Valdroche e eu poderíamos discutir annos inteiros sem que um vença o outro. Partimos de dois pontos diversos. Elle quer que a pintura, abdicando toda a intelligencia creadora, se limite a imitar casualmente tudo o que a natureza nos offerece, e faz consistir todo o talento artistico na reprodução da realidade material ; eu pelo contrario creio que o pintor tem uma missão mais nobre, um fim mais elevado a attingir ; que deve escolher para objecto das suas composições antes um effeito moral ; creio enfim que a verdade deve marchar livre e desembaraçada dos entraves que a reali-

dade lhe impõe ; que a formosura sempre é verdadeira porque é a essencia purificada, o perfume subtil, o reflexo mesmo da verdade. A falsidade é a porcaria por que é a excepção ; a verdade é a bella figura que a antiguidade representava sahindo de um poço toda resplandecente de pureza e candura.

— Bem respondido, disse a Sra. Villeneuve que parecia gosar de maligno prazer de excitar os antagonistas. Que tendes a dizer á isto, Sr. Valdroche ?

— Eu sou do parecer de Matheus de que nós não devemos discutir mais porque é escusado. Sou de opinião que Mil.^o Marie dê o seu juizo, faça a escolha de um dos dous retratos, e o negocio estará concluido.

— Eia, Marie, acabais de ouvir o que dizem estes senhores, e pois, dizei qual dos dous retratos mais vos agrada ?

— Attendei bem minha filha, accrescentou empenhado o pai ; a vida, o calor, a acção são qualidades essenciaes na pintura.

— Vós não tendes rugas na testa accrescentou a mãe, nem pastas de vermelhão nas faces ; os vossos cabellos são bem penteados e os olhos não são encaçados nas orbitas.

Esta linguagem era insinuante e podia ter influencia no espirito de uma donzella. Matheus e Valdroche empregavão uma outra que não era talvez menos eloquente.

Matheus lançava para ella olhos de supplica e conservava-se timidamente afastado emquanto que Valdroche pelo contrario inclinou-se com subtiliza para ella e sem ser ouvido pelos circumstantes disse-lhe ao ouvido estas palavras :

— A minha vida está em vossas mãos.

A moça estremecem e abaixou os olhos. Valdroche regosijou-se e acreditou que tinha produzido um grande effeito.

Um ultimo chamado de sua mãe a moça foi obrigada a sahir do silencio em que estava.

— Respondei, Marie ; de qual dos dous retratos gostais mais ?

— E'-me difficil responder-vos, minha mãe ; diante destes senhores.....

— Ora ! que tem isso ?

— Tem muito, minha boa amiga, disse o pai ; eu comprehendo muito bem a reserva de Marie, e approvo infinitamente a sua delicadeza.

— Approvais !.....

— Sem duvida ; e para não molestar ao mesmo tempo o seu sentimento e a susceptibilidade destes senhores proponho o seguinte. Assim que hebermos o café iremos tomar fresco e fumar um charuto ; eu deveria dizer « Para estes senhores fumarem um cigarro ; » por que eu Graças a Deus, não fumo : tomo só rapé, porque o seu uso me parece mais razoavel. Elle esclarece as idéas, sollicita as mucosas, dissipa os humores negros e desenvolve a imaginação. Não se me dá de apostar que o ar grave e triste que tem a nossa mocidade de hoje provem do abuso do charuto e da abstinencia em que vivem do rapé. Não obstante farei companhia a estes senhores em quanto elles fumão, e Marie na sua ausencia pôde decidir a sua escolha que se dará a conhecer pela collocação deste botão de rosa sobre o

quadro que preferir. Não vás exercer sobre ella a tua influencia maternal, minha boa amiga, accrescentou elle dirigindo-se á sua mulher.

— Eu vos prometto que não lhe direi uma palavra.

— Ainda bem ! Nós fazemos uma guerra leal : nada de surpresas. Serviu-se o café ; foi saboreado, seguido de um bom copo de velho cognac ; depois sahirão os tres homens dirigindo-se para o lado do Observatorio. A rua estava sombria e deserta : apenas longiquamente do lado de Pariz o rodar de uma carruagem que se approximava com rapidez. Subito a carruagem parou. O Sr. Villeneuve voltou a cabeça.

— Olhai, parece que parou á nossa porta. Quem será que á esta hora nos visita ?

— Ora ! não sois o unico locatario da casa, observou Valdroche.

— E' verdade, disse o empregado. E tomando o seu passo lento e magistral para o Observatorio :

— Eu vos dizia ha pouco, senhores, que o uso do tabaco em pó.... A voz do Sr. Villeneuve perdeu-se na distancia

(Continua.)

Confissão.

Tenho escrupulo, minhas leitoras, de enganar-vos, a vós tão benignas, a vós cuja attenção tenho occupado por alguns momentos, fazendo-vos ler o que assigno como — Papagaio —, dando-vos assim idéa que pertenco ao sexo que aliás conheço como o dos inconstantes e enganadores ; por isso é preciso dizer-vos, e dizer-vos quanto antes, que sou nem mais nem menos do vósso sexo, do amavel, do terno, do constantissimo e nunca assás louvado sexo feminino, isto dito de uma vez, para sempre, não vos admireis ao ler minhas garatujas, do meu estylo ; fallo por mim e pelos outros, quero dizer, dou publicidade ao que me contão, e ás poesias que recebi quando tinha ainda 50 janeyros de menos, oh ! que tempo ! Como gozei então dos suffragios desses basbaques que são hoje avós, que de olladelas me lançavão nesses lindos minuetes ! Não fallemos agora nisso. Portanto, leitoras, sirva esta minha confissão de descargo de minha consciencia, sirva ella para saberdes com quem lidaes ; não pense alguém que é um homem com quem tem de haver-se, não, é uma velha, porém velha muito sabida das artimanhas masculinas, e que corajosa ainda se assigna

Papagaio.

Anecdota.

Contando um official que tinha-se vestido no escuro, e amanhecido em fórma, com os botões da farda trocados nas cascas ; disse uma menina : — por que não manda Sr. Fulano o seu camarada nas noites de luar apanhar gaz nas ruas e praças desertas ? Ha tanta abundancia que não faria falta. Todos se rirão da ingenuidade da criança e eu escrevo o que ouvi.

Papagaio.

CHARADA.

Me diga sinceramente
O seu bem é virtuoso ? 1
Logo vi, pois que o amava
Com amor tão extremoso.

Diga-me mais uma syllaba
P'ra charada organisar,
Largue a musica senão
Vou mesmo nella buscar. 1

Ora bem, agora duas
Me diga com promptidão :
Que fazia olhando a musica ?
Quando lhe fiz a questão ? 2

CONCEITO.

Alta é bella não duvido,
Gôrda ? magra ? tem seu que ;
Baixinha ? eu sou suspeita
E o que sinto bem sei :

Só direi já que é preciso
Este conceito acabar,
Que sou nome, nome proprio,
Que se dá ao baptisar.

Paulina de L.

As charadas do n. 42 são a 1ª Chavinha, a 2ª Arpão ; a do n. 43 é Cortina.

Acompanha este n.º 43 uma estampa com figurinos de passeio, jantar e de criança.